

usos & abusos da
HISTÓRIA
ORAL

2ª edição

Organizadoras

Marieta de Moraes Ferreira
Janaina Amado

Capítulo 12

Usos da biografia*



FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
EDITORA

Capítulo 12

Usos da biografia*

Giovanni Levi

Raymond Queneau diz que “houve épocas em que se podia narrar a vida de um homem abstraído-se de qualquer fato histórico”.¹ Também poder-se-ia dizer que houve épocas — talvez mais próximas — em que era possível relatar um fato histórico abstraído-se de qualquer destino individual. Vivemos hoje uma fase intermediária: mais do que nunca a biografia está no centro das preocupações dos historiadores, mas denuncia claramente suas ambigüidades. Em certos casos, recorre-se a ela para sublinhar a irredutibilidade dos indivíduos e de seus comportamentos a sistemas normativos gerais, levando em consideração a experiência vivida; já em outros, ela é vista como o terreno ideal para provar a validade de hipóteses científicas concernentes às práticas e ao funcionamento efetivo das leis e das regras sociais. Arnaldo Momigliano assinalou ao mesmo tempo a ambigüidade e a fecundidade da biografia: por um lado, “não admira que a biografia esteja se instalando no centro da pesquisa histórica. Enquanto os primórdios do historicismo tornam mais complexas quase todas as formas de história política e social, a biografia permanece algo relativamente simples. Um indivíduo tem limites claros, um número restrito de relações significativas... A biografia se abre a todo tipo de pro-

* Levi, Giovanni. Les usages de la biographie. *Annales*. Paris (6):1.325-36, nov/déc. 1989.

¹ Queneau, Raymond. L'histoire dans le roman. *Front National*, 4(8), 1945.

blemas dentro de fronteiras bem definidas".² Por outro lado, no entanto, "os historiadores serão um dia capazes de enumerar os incontáveis aspectos da vida? Doravante a biografia assume um papel ambíguo em história: pode ser um instrumento da pesquisa social ou, ao contrário, propor uma forma de evitá-la".³

Não pretendo retomar um debate que sempre foi inerente às ciências sociais e à historiografia e que Pierre Bourdieu qualificou, com sua salutar ferocidade, de absurdo científico.⁴ Mas creio que, num período de crise dos paradigmas e de questionamento construtivo dos modelos interpretativos aplicados ao mundo social, o recente entusiasmo dos historiadores pela biografia e a autobiografia merece algumas observações que podem contribuir para a reflexão reclamada pelo editorial dos *Annales* (n. 2, 1988).

A meu ver, a maioria das questões metodológicas da historiografia contemporânea diz respeito à biografia, sobretudo as relações com as ciências sociais, os problemas das escalas de análise e das relações entre regras e práticas, bem como aqueles, mais complexos, referentes aos limites da liberdade e da racionalidade humanas.

* * *

Um primeiro aspecto significativo refere-se às relações entre história e narrativa. A biografia constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia. Muito já se debateu esse tema, que concerne sobretudo às técnicas argumentativas utilizadas pelos historiadores. Livre dos entraves documentais, a literatura comporta uma infinidade de modelos e esquemas biográficos que influenciaram amplamente os historiadores. Essa influência, em geral mais indireta do que direta, suscitou problemas, questões e esquemas psicológicos e comportamentais que puseram o historiador diante de obstáculos documentais muitas vezes in-

² Momigliano, Arnaldo. *Storicismo rivisitato*. In: *Fondamenti della storia antica*. Torino, 1984. p. 464.

³ Momigliano, Arnaldo. *Lo sviluppo della biografia greca*. Torino, 1974. p. 8.

⁴ ("A oposição cientificamente absurda entre indivíduo e sociedade.") Bourdieu, Pierre. *Fieldwork in philosophy*. In: *Choses dites*. Paris, 1987. p. 43.

transponíveis: a propósito, por exemplo, dos atos e dos pensamentos da vida cotidiana, das dúvidas e das incertezas, do caráter fragmentário e dinâmico da identidade e dos momentos contraditórios de sua constituição.

Obviamente as exigências de historiadores e romancistas não são as mesmas, embora estejam aos poucos se tornando mais parecidas. Nosso fascínio de arquivistas pelas descrições impossíveis de corroborar por falta de documentos alimenta não só a renovação da história narrativa, como também o interesse por novos tipos de fontes, nas quais se poderiam descobrir indícios esparsos dos atos e das palavras do cotidiano. Além disso, reacendeu o debate sobre as técnicas argumentativas e sobre o modo pelo qual a pesquisa se transforma em ato de comunicação por intermédio de um texto escrito.

Pode-se escrever a vida de um indivíduo? Essa questão, que levanta pontos importantes para a historiografia, geralmente se esvazia em meio a certas simplificações que tomam como pretexto a falta de fontes. Meu intento é mostrar que essa não é a única e nem mesmo a principal dificuldade. Em muitos casos, as distorções mais gritantes se devem ao fato de que nós, como historiadores, imaginamos que os atores históricos obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado. Seguindo uma tradição biográfica estabelecida e a própria retórica de nossa disciplina, contentamo-nos com modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas.

* * *

Nesse sentido, Pierre Bourdieu falou acertadamente de “ilusão biográfica”, considerando que era indispensável reconstruir o contexto, a “superfície social” em que age o indivíduo, numa pluralidade de campos, a cada instante.⁵ Porém a dúvida com relação à própria possibilidade da biografia é um fator recorrente. A biografia pública, exemplar, moral, não foi objeto de um questionamento progressivo; foram antes oscilações, sempre em relação estreita com os momentos de crise na definição da racionalidade e também com os momentos em que o confronto entre indivíduo

⁵ Bourdieu, Pierre. *L'illusion biographique. Actes de la Recherche en Sciences Sociales* (62-63): 69-72, juin 1986.

e instituições se tornou mais agudo. Isso foi evidentemente o que sucedeu durante boa parte do século XVIII com o debate que se estabeleceu acerca da possibilidade de escrever a vida de um indivíduo. Partindo do romance (Sterne, Diderot), porquanto este tentava construir a imagem de um homem complexo, contraditório, cujo caráter, opiniões e atitudes estavam em perpétua formação, essa crise chega à autobiografia (Rousseau) e finalmente à biografia propriamente dita. Tal período apresenta muitas analogias com o nosso: a consciência de uma dissociação entre o personagem social e a percepção de si adquire aí particular intensidade. Os limites da biografia foram então claramente percebidos, ao mesmo tempo que se assistia ao triunfo do gênero biográfico.

Marcel Mauss assim descreve a diferença entre personagem social e percepção de si: "É evidente, sobretudo para nós, que nenhum ser humano deixou jamais de ter a percepção não apenas de seu corpo, mas também de sua identidade espiritual e corporal ao mesmo tempo". Todavia essa percepção do eu não corresponde ao modo pelo qual "ao longo dos séculos, em inúmeras sociedades, se elaborou lentamente não a percepção do 'eu', mas a noção, o conceito".⁶ De fato, parece evidente que em certas épocas a noção de si socialmente construída foi particularmente restrita: em outras palavras, o que era tido como socialmente determinante e comunicável apenas encobria de maneira bastante inadequada o que a própria pessoa considerava essencial. Esse problema, hoje colocado às claras, é o mesmo que o século XVIII havia explicitamente formulado.

* * *

Podemos então partir de alguns exemplos do século XVIII. *Tristram Shandy*, de Sterne, pode ser considerado o primeiro romance moderno precisamente por ressaltar a extrema fragmentação de uma biografia individual. Tal fragmentação se traduz pela constante variação dos tempos, pelo recurso a incessantes retornos e pelo caráter contraditório, paradoxal, dos pensamentos e da linguagem dos protagonistas. Pode-se acrescentar que o diálogo entre Tristram, o autor e o leitor é um dos traços característicos do livro. Trata-se de um meio eficaz de construir

⁶ Mauss, Marcel. *Sociologie et anthropologie*. 8 ed. Paris, PUF, 1983. p. 335.

uma narrativa que dê conta dos elementos contraditórios que constituem a identidade de um indivíduo e das diferentes representações que dele se possa ter conforme os pontos de vista e as épocas.

Diderot era um grande admirador de Sterne e concordava com a sua opinião de que a biografia era incapaz de captar a essência de um indivíduo. Não que rejeitasse o gênero biográfico; entendia, mais precisamente, que a biografia, embora incapaz de ser realista, tinha uma função pedagógica na medida em que apresentava personagens célebres e revelava-lhes as virtudes públicas e os vícios privados. Aliás, muitas vezes Diderot acalentou o projeto de escrever uma autobiografia, antes de concluir pela sua impossibilidade.⁷ Mesmo assim sua obra está repleta de alusões autobiográficas, cujos exemplos mais característicos se encontram em estado fragmentário em *Jacques o fatalista*. Aqui o problema da individualidade é resolvido pelo recurso ao diálogo: o jovem Jacques e seu velho mestre têm cada qual sua própria vida e trocam seus pontos de vista e não raro seus papéis. Dessa colaboração dialógica e concertada nasce um personagem (em boa parte autobiográfico) que parece ao mesmo tempo jovem e velho. Verdade e ilusão literária, autobiografia e multiplicação dos personagens têm lugar nessa oscilação; cada momento particular, tomado isoladamente, só pode ser uma deformação em relação à construção de personagens que não obedecem a um desenvolvimento linear e que não seguem um itinerário coerente e determinado.

Passemos agora a um exemplo clássico de autobiografia: as *Confissões* de Rousseau. À primeira vista, esse exemplo parece contradizer a impressão de que na segunda metade do século XVIII chegou-se a duvidar da possibilidade de fazer uma autobiografia. Rousseau não só acreditava ser possível (talvez somente para ele) narrar a vida de um homem, como também entendia que essa narrativa podia ser totalmente verídica: "Eis o único retrato de homem, pintado exatamente ao natural e em toda a sua verdade, que existe e que provavelmente jamais existirá". Logo de saída, mal começa a escrever, o autor se vê diante de um projeto que talvez seja possível, mas que em todo caso será único: "Tenho em mente um projeto do qual jamais houve exemplo e cuja execução não terá nenhum imitador". De certo modo, o futuro mostraria que ele estava errado. É bem co-

⁷ Quanto às opiniões de Diderot e de Rousseau sobre a biografia e a autobiografia, ver Bonnet, Jean-Claude. Le fantasma de l'écrivain. *Poétique*, 63:259-78, sept. 1985.

nhecida a acolhida que tiveram as *Confissões*: quando Rousseau submeteu seu manuscrito à leitura, ele foi, segundo suas palavras, malcompreendido e mal-interpretado. A autobiografia era possível, mas não se podia comunicar sua verdade. Ante essa impossibilidade, não de evocar sua própria vida, mas de contá-la sem que fosse deformada ou alterada, Rousseau preferiu desistir. Também ele pensava que só existia uma solução narrativa, a do diálogo, e nos anos que se seguiram à redação das *Confissões* ele retomou seu teor sob a forma dialogal em *Jean-Jacques julga Rousseau*, procedendo assim a um desdobramento de seu personagem. Para Rousseau, assim como para Diderot ou Sterne (e anteriormente Shaftesbury, que foi talvez o inspirador dessa solução), o diálogo não era apenas o meio de criar uma comunicação menos equívoca; era também uma forma de restituir ao sujeito sua individualidade complexa, livrando-o das distorções da biografia tradicional que pretendia, como numa pesquisa entomológica, observá-lo e dissecá-lo objetivamente.

Essa crise, que merecia ser analisada mais detidamente, começou no romance e estendeu-se à autobiografia. Mas só teve repercussão limitada na biografia histórica (ainda que fosse conveniente deter-se mais na vida de Johnson escrita por Boswell e em particular no papel da imaginação na reconstrução dos diálogos pelo autor. Mas também aqui o problema da relação entre autor e personagem remete às observações anteriores sobre o desdobramento dos pontos de vista).⁸ Chegou-se a um meio-termo na biografia moral, que na verdade renunciava à exaustividade e à veracidade individuais para buscar um tom mais didático, acrescentando às vezes paixões e emoções ao conteúdo tradicional das biografias exemplares, a saber, os feitos e as atitudes do protagonista. A bem dizer, essa simplificação supõe uma certa confiança na capacidade da biografia para descrever o que é significativo em uma vida. Tal confiança culminaria aliás no positivismo e no funcionalismo, com os quais a seleção de fatos significativos iria acentuar o caráter exemplar e tipológico das biografias, privilegiando a dimensão pública em vez da dimensão privada e considerando insignificantes os desvios dos modelos propostos.

Todavia a crise ressurgiu no século XX, ligada ao advento de novos paradigmas em todos os campos científicos: crise da concepção me-

⁸ Ver Dowling, William C. Boswell and the problem of biography. In: Aaron, Daniel (ed.). *Studies in biography*. Cambridge, Mass., Cambridge University Press, 1978. p. 73-93.

canicista na física, surgimento da psicanálise, novas tendências na literatura (basta citar os nomes de Proust, Joyce e Musil). Já não são mais as propriedades e sim as probabilidades que constituem o objeto da descrição. A ciência mecanicista repousava na estrita delimitação do que podia e devia se produzir nos fenômenos naturais. Veio substituí-la uma lei de proibição que, ao contrário, definia o que não podia se produzir: assim, tudo o que pode suceder sem contradizê-la faz parte dos fatos. Nesse contexto, é essencial conhecer o ponto de vista do observador; a existência de uma outra pessoa em nós mesmos, sob a forma do inconsciente, levanta o problema da relação entre a descrição tradicional, linear, e a ilusão de uma identidade específica, coerente, sem contradição, que não é senão o biombo ou a máscara, ou ainda o papel oficial, de uma miríade de fragmentos e estilhaços.

A nova dimensão que a pessoa assume com sua individualidade não foi portanto a única responsável pelas perspectivas recentes quanto à possibilidade ou impossibilidade da biografia. De modo sintomático, a própria complexidade da identidade, sua formação progressiva e não-linear e suas contradições se tornaram os protagonistas dos problemas biográficos com que se deparam os historiadores. A biografia continuou a desenvolver-se, mas de forma cada vez mais controversa e problemática, relegando ao segundo plano aspectos ambíguos e irresolutos que me parecem constituir hoje um dos principais focos de confronto na paisagem historiográfica. Como pano de fundo, temos uma nova abordagem das estruturas sociais: em particular, a reconsideração das análises e dos conceitos relativos à estratificação e à solidariedade sociais nos induz a apresentar de modo menos esquemático os mecanismos pelos quais se constituem redes de relações, estratos e grupos sociais. A medida de sua solidariedade e a análise da maneira pela qual se fazem e desfazem as configurações sociais levantam uma questão essencial: como os indivíduos se definem (conscientemente ou não) em relação ao grupo ou se reconhecem numa classe?

* * *

De uns anos para cá, os historiadores têm pois se mostrado cada vez mais conscientes desses problemas. Todavia as fontes de que dispomos não nos informam acerca dos processos de tomada de decisões, mas somente acerca dos resultados destas, ou seja, acerca dos atos. Essa falta de neutralidade da documentação leva muitas vezes a explicações monocau-

sais e lineares. Fascinados com a riqueza das trajetórias individuais e ao mesmo tempo incapazes de dominar a singularidade irreduzível da vida de um indivíduo, os historiadores passaram recentemente a abordar o problema biográfico de maneiras bastante diversas. Proponho-me formular uma tipologia dessas abordagens, certamente parcial, mas que visa a lançar luz sobre a complexidade irresoluta da perspectiva biográfica.

Prosopografia e biografia modal. Nessa ótica, as biografias individuais só despertam interesse quando ilustram os comportamentos ou as aparências ligadas às condições sociais estatisticamente mais freqüentes. Portanto não se trata de biografias verídicas, porém mais precisamente de uma utilização de dados biográficos para fins prosopográficos. Os elementos biográficos que constam das prosopografias só são considerados historicamente reveladores quando têm alcance geral. Não é por acaso que os historiadores das mentalidades praticaram a prosopografia mostrando pouco interesse pela biografia individual. Michel Vovelle escreveu a esse respeito: "Adotando as abordagens da história social quantitativa, quisemos introduzir, no próprio campo da história das mentalidades, a história das massas, dos anônimos, em suma, dos que jamais puderam dar-se ao luxo de uma confissão, por menos que seja literária: os excluídos, por definição, de toda biografia".⁹

No fundo, a relação entre *habitus* de grupo e *habitus* individual estabelecida por Pierre Bourdieu remete à seleção entre o que é comum e mensurável, "o estilo próprio de uma época ou de uma classe", e o que diz respeito à "singularidade das trajetórias sociais": "na verdade, é uma relação de homologia, isto é, de diversidade na homogeneidade, que reflete a diversidade na homogeneidade característica de suas condições sociais de produção e que une os *habitus* singulares dos diferentes membros de uma mesma classe. Cada sistema de disposições individuais é uma variante estrutural dos demais (...), o estilo pessoal não é senão um desvio em relação ao estilo próprio de uma época ou de uma classe". A infinidade de combinações possíveis a partir de experiências estatisticamente comuns às pessoas de um mesmo grupo determina assim "a infinidade de diferenças singulares" e também "a conformidade e estilo" do grupo.¹⁰ Também aqui os afastamentos e os desvios, uma vez assinalados, parecem

⁹ Vovelle, Michel. De la biographie à l'étude de cas. In: *Problèmes et méthodes de la biographie*. Paris, 1985. p. 191. (Atas do colóquio, maio 1985.)

¹⁰ Bourdieu, Pierre. *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Genève-Paris, 1972. p. 186-9.

remeter-se ao que é estrutural e estatisticamente próprio do grupo estudado. Tal abordagem comporta certos elementos funcionalistas na identificação das normas e dos estilos comuns aos membros do grupo e na rejeição dos afastamentos e dos desvios tidos como não significativos. Pierre Bourdieu levanta tanto a questão do determinismo quanto a da escolha consciente, mas a escolha consciente é antes constatada do que definida, e a ênfase parece recair mais nos aspectos deterministas e inconscientes, nas "estratégias" que não são fruto "de uma verdadeira intenção estratégica".

Esse tipo de biografia, que poderíamos chamar de modal porquanto as biografias individuais só servem para ilustrar formas típicas de comportamento ou *status*, apresenta muitas analogias com a prosopografia: na verdade, a biografia não é, nesse caso, a de uma pessoa singular e sim a de um indivíduo que concentra todas as características de um grupo. Aliás, é prática corrente enunciar primeiro as normas e as regras estruturais (estruturas familiares, mecanismos de transmissão de bens e de autoridade, formas de estratificação ou de mobilidade sociais etc.) antes de apresentar os exemplos modais que intervêm na demonstração a título de provas empíricas.

Biografia e contexto. Nesse segundo tipo de utilização, a biografia conserva sua especificidade. Todavia a época, o meio e a ambiência também são muito valorizados como fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que explicaria a singularidade das trajetórias. Mas o contexto remete, na verdade, a duas perspectivas diferentes. Por um lado, a reconstituição do contexto histórico e social em que se desenrolam os acontecimentos permite compreender o que à primeira vista parece inexplicável e desconcertante. É o que Natalie Zemon Davis define, aludindo a seu trabalho sobre Martin Guerre, como "reintroduzir uma prática cultural ou uma forma de comportamento no quadro das práticas culturais da vida no século XVI".¹¹ Do mesmo modo, a interpretação proposta por Daniel Roche para compreender seu herói, o oficial de vidraria Ménétra, tende a normalizar comportamentos que perdem seu caráter de destino individual na medida em que são típicos de um meio social (no caso, o do *compagnonnage* e dos artesãos franceses do final do século XVIII) e que afinal contribuem para o retrato de uma

¹¹ Davis, Natalie Zemon. AHR Forum: the return of Martin Guerre. On the lame. *American Historical Review*, 93:590, 1988.

época ou de um grupo.¹² Portanto não se trata de reduzir as condutas a comportamentos-tipos, mas de interpretar as vicissitudes biográficas à luz de um contexto que as torne possíveis e, logo, normais.

Por outro lado, o contexto serve para preencher as lacunas documentais por meio de comparações com outras pessoas cuja vida apresenta alguma analogia, por esse ou aquele motivo, com a do personagem estudado. Vale lembrar que Franco Venturi, em sua *Juventude de Diderot*, reconstituiu os primeiros anos da vida de seu personagem praticamente sem documentação direta. “De modo geral, porém, os poucos fragmentos que nos restam sobre a primeira parte de sua vida ou têm um valor puramente anedótico ou pouco se distinguem das características gerais da época da juventude de Diderot. Para tornar interessante uma tentativa de reconstituição da biografia de seus primeiros anos, é indispensável ampliar tanto quanto possível em torno dele o número de pessoas e de movimentos com os quais ele entrou então em contato, reconstituir em torno dele o seu meio, multiplicar os exemplos de outras vidas que tenham algum paralelo com a sua, fazer reviver em torno dele outras pessoas jovens.”¹³

Essa utilização da biografia repousa sobre uma hipótese implícita que pode ser assim formulada: qualquer que seja a sua originalidade aparente, uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica. Essa perspectiva deu ótimos resultados, tendo-se em geral conseguido manter o equilíbrio entre a especificidade da trajetória individual e o sistema social como um todo. Pode-se alegar, no entanto, que o contexto é freqüentemente apresentado como algo rígido, coerente, e que ele serve de pano de fundo imóvel para explicar a biografia. As trajetórias individuais estão arraigadas em um contexto, mas não agem sobre ele, não o modificam.

A biografia e os casos extremos. Às vezes, porém, as biografias são usadas especificamente para esclarecer o contexto. Nesse caso, o contexto não é percebido em sua integridade e exaustividade estáticas, mas por meio de suas margens. Descrevendo os casos extremos, lança-se luz precisamente sobre as margens do campo social dentro do qual são pos-

¹² Roche, Daniel (éd.). *Journal de ma vie. Jacques-Louis Ménétra, compagnon vitrier au 18e siècle.* Paris, 1982. p. 9-26 e 287-429.

¹³ Venturi, Franco. *Jeunesse de Diderot (de 1713 à 1753).* Paris, 1939. p. 16.

síveis esses casos. Podemos citar aqui novamente o artigo de Michel Vovelle sobre a biografia: "O estudo de caso representa o retorno necessário à experiência individual, no que ela tem de significativo, mesmo que possa parecer atípica (...). O retorno ao qualitativo por meio do estudo de caso responde a um movimento dialético no campo da história das mentalidades. A meu ver, em vez de negar as abordagens seriais quantificadas, ele as complementa, permitindo uma análise em profundidade que prefere aos heróis de primeiro plano da história tradicional os depoimentos da normalidade (...) ou os aportes mais ambíguos, porém talvez ainda mais ricos, do depoimento extremo de um personagem em situação de ruptura" (Vovelle alude aqui a seus estudos sobre Joseph Sec e Théodore Desorgues).¹⁴ De modo ainda mais claro, em sua biografia de Menocchio, Carlo Ginzburg analisa a cultura popular através de um caso extremo, e não de um caso modal: "Em suma, mesmo um caso extremo (...) pode revelar-se representativo. Seja negativamente — pois ajuda a precisar o que se deve entender, numa dada situação, por 'estatisticamente mais freqüente', seja positivamente — pois permite identificar as possibilidades latentes de algo (a cultura popular) que só conhecemos através de uma documentação fragmentária e deformada".¹⁵

Também aqui o paralelo com a literatura é surpreendente. O personagem naturalista tradicional é gradativamente relegado ao segundo plano, enquanto a narrativa do absurdo — como em Beckett, por exemplo — garante a solução dos casos extremos. "O maior trunfo do personagem tradicional do romance era sua possibilidade ou sua liberdade de travar um combate, vitorioso ou não, contra a ameaça das situações extremas. Nisso residia sua força dramática. Hoje, é como se os partidários do "personagem-homem" não tivessem outro recurso senão substituir as situações extremas por situações dramáticas. Seus destinos de aventureiros, vagabundos, excêntricos e coléricos parecem sair de um moinho mecânico que procura gerar movimento na fixidez atípica e situações extremas sem saída".¹⁶ Mas também nessa ótica o contexto social é retratado de modo de-

¹⁴ Vovelle, Michel. 1985:197. Referências a *L'irrésistible ascension de Joseph Sec, bourgeois d'Aix, suivi de quelques clés pour la lecture de naïfs*. Aix-en-Provence, 1957 e *Théodore Desorgues ou la désorganisation*. Paris, 1985.

¹⁵ Ginzburg, Carlo. *Le formaggio et le vers: l'univers d'un meunier du XVIe siècle*. Paris, Flammarion, 1988. p. 220.

¹⁶ Debenedetti, Giacomo. *Il personaggio uomo*. Milano, 1970. p. 30.

masiado rígido: traçando-lhe as margens, os casos extremos aumentam a liberdade de movimento de que podem dispor os atores, mas estes perdem quase toda ligação com a sociedade normal (nesse sentido, o caso de Pierre Rivière é exemplar).

Biografia e hermenêutica. A antropologia interpretativa certamente salientou o ato dialógico, essa troca e essa alternância contínuas de perguntas e respostas no seio de uma comunidade de comunicação. Nessa perspectiva, o material biográfico torna-se intrinsecamente discursivo, mas não se consegue traduzir-lhe a natureza real, a totalidade de significados que pode assumir: somente pode ser interpretado, de um modo ou de outro. O que se torna significativo é o próprio ato interpretativo, isto é, o processo de transformação do texto, de atribuição de um significado a um ato biográfico que pode adquirir uma infinidade de outros significados. Assim, o debate sobre o papel da biografia na antropologia tomou um rumo promissor porém perigosamente relativista.¹⁷ Mas a história que se baseia em arquivos orais ou que procura introduzir a psicanálise na pesquisa histórico-biográfica só se deixou influenciar de modo intermitente e frágil. Aqui, como no século XVIII, o diálogo está na base do processo cognitivo: o conhecimento não é resultado de uma simples descrição objetiva, mas de um processo de comunicação entre dois personagens ou duas culturas.

No fundo, essa abordagem hermenêutica parece redundar na impossibilidade de escrever uma biografia. Mesmo assim, ao sugerir que é preciso abordar o material biográfico de maneira mais problemática, rejeitando a interpretação unívoca das trajetórias individuais, ela estimulou a reflexão entre os historiadores, levando-os a utilizar as formas narrativas de modo mais disciplinado e a buscar técnicas de comunicação mais sensíveis ao caráter aberto e dinâmico das escolhas e das ações.

* * *

Essa tipologia das utilizações e das indagações que se fazem hoje a respeito da biografia não pretende esgotar todas as possibilidades ou práticas: poderíamos mencionar outros tipos, como por exemplo a psi-

¹⁷ Ver, por exemplo, Rabinow, Paul. *Reflections on fieldwork in Morocco*. Berkeley-Los Angeles, 1977, ou ainda Crapanzano, Vincent. *Tuhami. Portrait of a Moroccan*. Chicago-London, 1980.

cobiografia, mas esta comporta tantos elementos equívocos ou contestáveis que não me parece ter hoje grande importância. Os principais tipos de orientação aqui enumerados sucintamente representam pois os novos caminhos trilhados pelos que procuram utilizar a biografia como instrumento de conhecimento histórico e substituir a tradicional biografia linear e factual, que mesmo assim continua a existir e vai muito bem.

Trata-se porém de soluções parciais, que ainda apresentam aspectos bastante problemáticos. A biografia é pois um tema que precisamos debater, afastando-nos talvez da tradição dos *Annales*, mas atendo-nos aos problemas que nos parecem hoje particularmente importantes: a relação entre normas e práticas, entre indivíduo e grupo, entre determinismo e liberdade, ou ainda entre racionalidade absoluta e racionalidade limitada. Minha intenção é tão-somente colocar em debate alguns temas e ressaltar que as quatro orientações mencionadas têm em comum o fato de passar em silêncio por questões fundamentais. Estas dizem respeito sobretudo ao papel das incoerências entre as próprias normas (e não mais apenas as contradições entre a norma e seu efetivo funcionamento) no seio de cada sistema social; em segundo lugar, ao tipo de racionalidade atribuído aos atores quando se escreve uma biografia; e, por fim, à relação entre um grupo e os indivíduos que o compõem.

* * *

Trata-se principalmente de um problema de escala e de ponto de vista: se a ênfase recai sobre o destino de um personagem — e não sobre a totalidade de uma situação social —, a fim de interpretar a rede de relações e obrigações externas na qual ele se insere, é perfeitamente possível conceber de outro modo a questão do funcionamento efetivo das normas sociais. De modo geral, os historiadores consideram pacífico que todo sistema normativo sofre transformações ao longo do tempo, mas que num dado momento ele se torna totalmente coerente, transparente e estável. Parece-me, ao contrário, que deveríamos indagar mais sobre a verdadeira amplitude da liberdade de escolha. Decerto essa liberdade não é absoluta: culturalmente e socialmente determinada, limitada, pacientemente conquistada, ela continua sendo no entanto uma liberdade consciente, que os interstícios inerentes aos sistemas gerais de normas deixam aos atores. Na verdade nenhum sistema normativo é suficientemente estruturado para eliminar qualquer possibilidade de escolha consciente, de ma-

nipulação ou de interpretação das regras, de negociação. A meu ver a biografia é por isso mesmo o campo ideal para verificar o caráter insterstitial — e todavia importante — da liberdade de que dispõem os agentes e para observar como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais estão isentos de contradições. Obtém-se assim uma perspectiva diferente — mas não contraditória — daquela adotada pelos que preferem salientar mais os elementos de determinação, necessários e inconscientes, como faz, por exemplo, Pierre Bourdieu. Há uma relação permanente e recíproca entre biografia e contexto: a mudança é precisamente a soma infinita dessas inter-relações. A importância da biografia é permitir uma descrição das normas e de seu funcionamento efetivo, sendo este considerado não mais o resultado exclusivo de um desacordo entre regras e práticas, mas também de incoerências estruturais e inevitáveis entre as próprias normas, incoerências que autorizam a multiplicação e a diversificação das práticas. Parece-me que assim evitamos abordar a realidade histórica a partir de um esquema único de ações e reações, mostrando, ao contrário, que a repartição desigual do poder, por maior e mais coercitiva que seja, sempre deixa alguma margem de manobra para os dominados; estes podem então impor aos dominantes mudanças nada desprezíveis. Talvez seja apenas uma nuance, mas me parece que não se pode analisar a mudança social sem que se reconheça previamente a existência irreduzível de uma certa liberdade *vis-à-vis* as formas rígidas e as origens da reprodução das estruturas de dominação.

* * *

Tais considerações convidam a uma reflexão acerca do tipo de racionalidade que é preciso idealizar quando se tenta descrever os atos históricos. Na verdade raramente nos afastamos dos esquemas funcionalistas ou da economia neoclássica; e estes supõem atores perfeitamente informados e consideram, por convenção, que todos os indivíduos têm as mesmas disposições cognitivas, obedecem aos mesmos mecanismos de decisão e agem em função de um cálculo, socialmente normal e uniforme, de lucros e perdas. Tais esquemas levam pois à construção de um homem inteiramente racional, sem dúvidas, sem incertezas, sem inércia. A maioria das biografias assumiria porém outra feição se imaginássemos uma forma de racionalidade seletiva que não busca exclusivamente a maximização do lucro, uma forma de ação na qual seria possível abster-se de reduzir as

individualidades a coerências de grupo, sem renunciar à explicação dinâmica das condutas coletivas como sistemas de relação.

* * *

Afora a característica intersticial da liberdade individual e a questão da racionalidade limitada, creio que resta destacar um último ponto. Roger Chartier afirmou recentemente que a oposição entre “análise micro-histórica ou *case studies*” e história sócio-econômica, entre estudo da subjetividade das representações e estudo da objetividade das estruturas, pode ser superada contanto que consideremos “os esquemas geradores de sistemas de classificação e de percepção como verdadeiras ‘instituições sociais’, que incorporam sob a forma de representações coletivas as divisões da organização social”.¹⁸ Tal observação me parece plenamente justificada (exceto, talvez, pela identificação da micro-história aos *case studies* e ao estudo das representações subjetivas), porém insuficiente: se a ênfase recai sobre o grupo, a relativa estabilidade das coerências e das coesões de grupo é tida como pacífica, assim como o fato de que elas constituem o nível mínimo no qual se pode ainda estudar com proveito as representações do mundo social e os conflitos que elas provocam. A meu ver, privilegiando a importância do grupo, subestima-se o problema de sua constituição, assim como a apreciação de sua solidez, de sua durabilidade, de sua amplitude, e conseqüentemente esvazia-se a questão da relação entre indivíduo e grupo. Chartier identifica deliberada e explicitamente as representações individuais às representações coletivas, como se sua gênese fosse formalmente semelhante.

É certo que se descarta assim a observação de grupos sociais e conceituais indeterminados (cultura popular, mentalidades, classes) para construir uma sociedade fragmentada e conflitante, na qual as representações do mundo se tornam motivo de luta. Mas subsiste uma boa medida de indeterminação: os agregados de grupo são dados como certos e definidos; estudam-se as lutas pelo poder e os conflitos sociais como se estes ocorressem entre grupos cuja coesão é pressuposta, como se a análise das diferenças individuais — em última instância tão numerosas que se tor-

¹⁸ Chartier, Roger. La storia culturale fra rappresentazioni e pratiche. In: *La rappresentazione del sociale. Saggi di storia culturale*. Torino, 1989. p. 14.

nam impossíveis de interpretar — nada tivesse a acrescentar. Também aqui, trata-se talvez de mera questão de ponto de vista: insistindo na “gênese social das estruturas cognitivas” e no aspecto “de incorporação, sob forma de disposições, de uma posição diferencial no espaço social”, deixa-se vaga a atividade dos atores, concebida unicamente como o resultado de “incontáveis operações de ordenação pelas quais se reproduz e se transforma continuamente a ordem social”.¹⁹ A noção de apropriação sob forma de “uma história social dos hábitos e das interpretações, ligados a suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inseridos nas práticas específicas que os produzem”,²⁰ por mais importante e útil que seja, também deixa em aberto o problema da relação entre indivíduo e grupo. Não se pode negar que há um estilo próprio a uma época, um *habitus* resultante de experiências comuns e reiteradas, assim como há em cada época um estilo próprio de um grupo. Mas para todo indivíduo existe também uma considerável margem de liberdade que se origina precisamente das incoerências dos confins sociais e que suscita a mudança social. Portanto não podemos aplicar os mesmos procedimentos cognitivos aos grupos e aos indivíduos; e a especificidade das ações de cada indivíduo não pode ser considerada irrelevante ou não pertinente. Pois o risco, não banal, é subtrair à curiosidade histórica temas que julgamos dominar plenamente, mas que ainda continuam largamente inexplorados: por exemplo, a consciência de classe, ou a solidariedade de grupo, ou ainda os limites da dominação e do poder. Os conflitos de classificações, de distinções, de representações interessam também à influência que o grupo socialmente solidário exerce sobre cada um dos membros que o compõem, além de revelarem as margens de liberdade e de coação dentro das quais se constituem e funcionam as formas de solidariedade. Creio que, nessa perspectiva, a biografia poderia permitir um exame mais aprofundado desses problemas.

¹⁹ Bourdieu, Pierre. *La noblesse d'État. Grandes écoles et esprit de corps*. Paris, Minuit, Le sens commun, 1989. p. 9.

²⁰ Chartier, 1989:21.